

onde funcionam. Nesse caso se eu merecesse confiança estaria pronto a pôr-me às ordens das combinações. Acabo de escrever-lhe, meu caro Rodolfo, com inteira franqueza. Chegou o momento do descrédito na Europa das finanças de tôdas essas repúblicas e o Brasil não tem mais nada que o diferencie dessas pátrias de anarquia. Acompanhar em Londres a pulsação do crédito brasileiro e, por simpatia, a do descrédito dos nossos vizinhos, não seria só por si uma distração, mas se eu fôsse colocado por acaso em tal posição de responsabilidade procuraria compensar-me da sua monotonia *vivendo*. Estamos entendidos que eu desde março (primeiro vapor) lhe mandarei uma carta. Até lá espero ter outros detalhes sôbre o seu jornal. O meu enderêço telegráfico é simplesmente Nabuco — Londres. Escreva para Frederick Youle — Merchant Banking Co. ou Legação.

Recomende-me muito a dona Alice. Eu não sei se ela vê com prazer você adotar um gênero de vida noturno e uma carreira que o novo Imperador alemão excluiu severamente da côrte sem exceção alguma. Eu desconfio que seus artigos serão escritos de manhã sôbre os fatos da véspera porque você não terá a liberdade de ir passar a noite na rua do Ouvidor. E aí quem sabe! Recomende-me também a seu pai. Como êle deve estar olhando para tudo isso! Não sei se êle ainda conserva a mesma esperança no futuro. Breve lhe mandarei uma coisa que acabo de escrever... no entanto a não curvar a cabeça a êsses déspotas presentes e futuros o que resta ao brasileiro? Morrer de nostalgia? Aqui nos falta a pátria, lá nos falta a liberdade, *comment faire?*

Seu do C.

JOAQUIM NABUCO.

Ao Imperador Dom Pedro II

Joaquim Nabuco, cuja posição política até o 13 de Maio fôra sempre de opposição e que, em dado momento, atacou fortemente o Imperador, atenuou certa vez ataques escrevendo, no folheto O Erro do Imperador (1886): « Quem escreve estas linhas não é partidário nem desafeto pessoal do Imperador, muito pelo contrário ». No exemplar lido por dom Pedro, Sua

Majestade escreveu à margem: « Creio nisto. Sempre tive simpatia por Nabuco ».

Londres, 9 de fevereiro de 1891.

Senhor,

Vossa Majestade fez-me imensa honra e causou-me indizível emoção com a sua carta. Essas são as honras que aprendi com meu Pai a apreciar mais que tôdas.

Todos os meus, por quem V. M. tão graciosamente pergunta, estão bons. Meu cunhado, o dr. Hilário de Gouvêa, comunica-me a remessa de um volume para V. M. Minha mulher, muito grata a V. M., pede-me que lhe beije respeitosamente a mão.

Todos nós fazemos votos para que o exílio de V. M. não se prolongue até o completo esgotamento do país que não tarda.

A linguagem dos jornais mostra que o descontentamento cresce sem parar, na razão da corrupção republicana. O Brasil, ou melhor, o Rio de Janeiro, está como a Califórnia, quando se descobriu o ouro, ou a África Austral com a descoberta dos diamantes. É uma grande feira a que afluem os aventureiros do mundo inteiro para enriquecer de repente. Não me consta, porém, que se tivesse descoberto lá nem ouro nem diamantes, mas somente papel. Assim como a Monarquia, por ser um govêrno nacional, honesto e responsável, não servia para a época de especulação desenfreada que atravessamos, os aventureiros precisando de um govêrno também aventureiro, assim também a República não servirá (como se está vendo no Rio da Prata) para a época da reparação.

V. M. terá visto a mudança que teve lugar no pessoal governante, verdadeira reação contra os homens de 15 de Novembro e começo da dissolução *republicana*, a meu ver.

Depois dos revolucionários estão agora no poder os *aderentes*. É provável que depois dêstes venham outros grupos experimentar *in anima vili* o seu sistema.

O Brasil sob a República figura-se-me um doente grave passando das mãos do alopatha para as do homeopata, dêste para o curandeiro, dêste para o espiritista, — e depois? Os médicos

estimariam ser todos chamados individualmente; o doente porém contenta-se com experimentar um de cada escola e assim vai mudando rapidamente de sistema, e em breve os terá experimentado a todos. Nesse dia lhe ocorrerá a idéia de mudar de ares, de fugir à ação do impaludismo republicano geral na América Latina e voltar à terra natal, como o filho pródigo, a respirar a atmosfera benigna de sua infância, no horizonte que o viu crescer, cercado de tudo que o prendia à vida. Preserve Deus, para a conclusão de tão amarga, porém tão útil experiência, a preciosa vida de V. M. e dos Seus.

Dê sempre V. M. as suas ordens a quem tem a honra de subscrever-se com a veneração de um verdadeiro brasileiro,

Senhor,

de V. M. I.

o mais obediente servo

JOAQUIM NABUGO.

Ao barão do Rio Branco

Consulado do Brasil - Liverpool

Março 4, 1891.

Meu caro Paranhos,

Eu vou escrever pelo vapor de 12 que ao mais tardar chegará no Rio a 31 de março. É um vapor dos novos que são muito rápidos. A véspera é mais do que tempo para um jornal. Também estou à espera da carta do Rodolfo anunciada a você. Tal seja ela que eu escreva antes.

Tenho medo que o artigo do Eduardo venha a cair tarde sobre o Rui. Estamos muito longe. Entre receber as notícias, escrever e publicar, lá se vão uns três meses pelo menos. Ele porém deve estar com uns atrasados de seis. É um mundo! As enormidades, os escândalos, são tantos que, deixando-os acumu-